Centro de Estudos Baianos

EDIVALDO M. BOAVENTURA

PARQUE HISTÓRICO CASTRO ALVES

DOAÇÃO

PUBLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

109

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

EDIVALDO M. BOAVENTURA

PARQUE HISTÓRICO CASTRO ALVES

Universidade Federal da Bahia
Centro de Estudos Baianos
1985

Professor Germano Tabacof
Reitor da Universidade Federal da Bahia

Professor Fernando da Rocha Peres
Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA.

Boaventura, Edivaldo Machado
Parque Histórico Castro Alves / Edivaldo Machado Boaventura. — Salvador : Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1985.
36p. ; 22cm. — (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação ; 109)

1. Parque Histórico Castro Alves. 2. Alves, Antônio de Castro. 3. Patrimônio cultural - Proteção. I. Título. II. Série.

CDU - 712.23(814.2)

Centro de Estudos Baianos da UFBA

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO - CABACEIRAS E CASTRO ALVES.....5

PRIMEIRA PARTE - CABACEIRAS NA BIOGRAFIA E NA OBRA DE CASTRO ALVES.....7

SEGUNDA PARTE - CABACEIRAS RECRIADA EM PARQUE HISTÓRICO.....18

CONCLUSÃO - CABACEIRAS E OUTROS PARQUES.....30

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....33

INTRODUÇÃO - CABACEIRAS E CASTRO ALVES

A mensagem residual

Preservar o cenário natural, o lugar de uma batalha decisiva, o local de nascimento de uma personalidade marcante ou o sítio de um evento histórico tem sido sempre uma atitude pública para proporcionar recreação, instrução e cultura ao povo. Quem visitar, por exemplo, Waterloo, perto de Bruxelas, fará uma idéia mais nítida da última batalha de Napoleão. De igual maneira, ainda para ilustrar, quem passar pelo parque de Gettysburg, na Pennsylvania, terá, ao mesmo tempo, uma lição de história, pelo conhecimento do terreno onde se decidiu a Guerra Civil norte-americana, e de política, pois foi nesse lugar que Lincoln deu a mais clara definição de democracia - governo do povo, pelo povo e para o povo.

Os mesmos cenários se apresentam aos olhos e à sensibilidade de quem se aproxima da vila de Cabaceiras, no município de Muritiba, perto do rio Paraguaçu, onde se descortina o meio ambiente que serviu de berço ao autor de *Espumas Flutuantes*. Por is

so, e por tudo isso, a mensagem residual, que aqui gostaria de deixar, pode ser condensada na singeleza da seguinte sentença: visite Cabaceiras e conheça melhor Castro Alves!

Testemunho de criação e reforma do Parque

Justifica-se a minha presença neste curso sobre o Poeta para testemunhar como surgiu a idéia do Parque. Como se formulou a decisão de criar, inaugurar e fazer funcionar o primeiro parque histórico e estadual da Bahia? Considero importante associar a geografia com a biografia, para o conhecimento cada vez maior da poética alvesiana (Hill, 1978).

Das obras que realizei como Secretário de Estado da Educação e Cultura da Bahia, em 1970 e 1971, poucas me foram tão gratas quanto a construção, em pleno sertão baiano, do Parque de Cabaceiras. Devotamento e amor constituíram a tônica que coroou a execução do projeto do Governador Luiz Viana Filho, voltado sempre para as coisas da cultura e da educação, no ano em que a Bahia comemorou o centenário de morte do seu Poeta maior.

Voltando à frente do órgão encarregado da política educacional e do desenvolvimento cultural, no governo João Durval Carneiro, planejei a sua remodelação com vistas à ampliação da escola, maior atenção ao paisagismo, melhor acesso, direcionamento para o lazer e esporte e outras medidas de valorização do sítio histórico.

Duas dimensões: biográfica e espacial

Retomo mais uma vez a documentação e me sirvo da recordação para contar um pouco da história do

Parque que construí e pelo bom estado de funcionamento do qual continuo velando. Como das vezes anteriores (Boaventura, *Diário Oficial, suplemento dedicado a Castro Alves*, 1982; e *Cultura*, 1983), agrego novos elementos até que possa elaborar um trabalho mais preciso sobre o berço natal de Cecéo.

Atendendo a uma ordenação de caráter meramente expositivo, o relato será enfocado em duas dimensões: primeiramente, Cabaceiras na biografia e na obra de Castro Alves e, em seguida, Cabaceiras recriada em Parque Histórico.

PRIMEIRA PARTE - CABACEIRAS NA BIOGRAFIA E NA OBRA DE CASTRO ALVES

O Parque objetivou resguardar o meio ambiente da fazenda Cabaceiras, reconstruindo sua sede para torná-la em exposição permanente. Vários autores mostram a presença do rincão natal na poética castro-alvina. No centenário do seu nascimento, em 1947, começaram as preocupações em preservar o sítio. Vinte e quatro anos depois, foi construído o Parque, nas comemorações centenárias da morte do Poeta. Cabaceiras se inscreve no movimento nacional dos parques históricos, como patrimônio cultural e natural destinado à recreação, à educação e ao turismo.

A fazenda Cabaceiras

Na "Cronologia da vida e da obra" do Poeta, Eugênio Gomes (Castro Alves, *Obra Completa*, 1966, p. 59), diz com simplicidade e clareza:

1847.Março,14. Na fazenda Cabaceiras, na então freguesia de Muritiba, comarca de Cachoeira, a poucas léguas de Curralinho, na Bahia, nasce Antônio de Castro Alves, filho do Dr. Antônio José Alves e D. Clélia Brasília da Silva Castro.

Cabaceiras pertencera ao avô de Castro Alves, major José Antônio da Silva Castro,o famoso Periquitão, herói da Independência na Bahia,como bem o descreve Pedro Calmon (1973, pp. 14-29).O Dr. Antônio José Alves, genitor do Poeta, mudou-se para lá em cinco de dezembro de 1845, depois de casado com Clélia Brasília da Silva Castro. Em Cabaceiras nasceram-lhe os três primeiros filhos. Nas suas anotações registrou o nascimento do segundo, Antônio Frederico de Castro Alves, às dez horas da manhã de 14 de março de 1847, dia consagrado a Santa Matilde. Nessa fazenda, Cecéo passou os melhores anos da infância, até que a família,nas peregrinações ditadas pelas contingências da própria vida,o levasse,seguidamente, para Muritiba, São Félix, Salvador...

A casa da fazenda era coberta de telha, com três varandas, oito janelas de frente, mais três para cada lado e quatro de fundo. Demolida no início deste século, a moradia, segundo a tradição, teve portas e janelas aproveitadas em outras residências da vila, restando dela, entretanto, uma velha fotografia que faz parte do acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Para Valentin Calderón de La Vara, ex-Conservador do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia, o modelo das janelas existentes não se adequava à voga do início do século passado.

Vendida pelo Dr. Antônio José Alves a Nicolau

Grenchens, nos idos de 1854, a propriedade foi assim descrita, em 1890, pelo engenheiro Pedreira Franco, conforme transcrição de Waldemar Mattos, (1948, pp. 56-57).

> Da cidade de São Félix, em direção a Santo Estêvão de Jacuípe, partimos de madrugada; o sol veio apanhar-nos a quatro léguas do ponto de partida, no começo de uma vasta planície conhecida por "Tabuleiro de Pindoba". Esta planície, que mede mais de légua e meia de extensão, termina além da fazenda Cabaceiras, antes do porto do Papagente (hoje se chama Castro Alves), no majestoso Paraguaçu...O vasto tabuleiro de Pindoba era o mesmo; de espaço a espaço árvores pouco frondosas; aqui e ali, em desordenada profusão, as palmeiras de ouricuri, as candeias e os mandacarus. A estrada larga e arenosa corta em linha reta o imenso tabuleiro, onde se aspira o delicioso perfume do alecrim silvestre. Ao longo, a Serra do Aporá, semelhante a uma caprichosa muralha em semicírculo, coberta de vegetação...Quando nos aproximamos da fazenda, descobri um pequeno capão de mato, em forma de bosque, do qual me recordo existia em outros tempos, e notei aos companheiros de viagem que estávamos perto da casa onde nasceu o poeta dos escravos. Com efeito, avistei logo as roças que vinham até a estrada e, do lado direito desta, uma habitação campestre, tendo nas imediações um velho umbuzeiro, alguns cajuzeiros e cajueiros antiquíssimos.

Além da descrição da fazenda e suas circunvizinhanças, Pedreira Franco legou-nos, também, o retrato escrito da casa:

> Duas saletas de frente, separadas por um vestíbulo, que vai ter à sala de jantar e que se comunica com dois espaçosos quartos por portas laterais, alguns aposentos mais, indispensáveis

> a uma habitação modesta, eis a fazenda Cabaceiras. Salas e quartos são atijolados. À frente da casa fica largo avarandado, onde se abrigam hoje os tropeiros que procuram rancho à noite ou durante as horas de sol ardente. No primeiro quarto que se encontra à esquerda de quem entra no avarandado pelo vestíbulo, dizem, nasceu o poeta. Estávamos na época das colheitas e quase todos os compartimentos da casa se tinham transformado em depósito de cereais.

O reflexo na poesia

Cabaceiras é também uma presença amena e constante na obra do Poeta. Reportando-se ao fato, Pedro Calmon (1973, p.57), com a autoridade de biógrafo, aponta:

> A "savana bravia" (A Cachoeira de Paulo Afonso), o "quente arfar das virações marinhas" (O Navio Negreiro), as frescas brisas de todo o ano, inevitável, obssessivo, sonoro o coqueiro "em músico estalo" (Crepúsculo Sertanejo), arquejando, na "hora meiga da tarde" (A Tarde), a sua hora predileta de espanto e ternura deixaram uma impressão interminável no espírito e na poesia de Castro Alves.
>
> Foi o "painel encantado que desejaria pintar" (A Senzala), "quando a infância corria, alegre, à tôa"... (Fé, Esperança e Caridade).
>
> Próximo ("longe, muito longe", na reminiscência assustada de menino), "o Paraguaçu rola profundo". No trovão do rio que se despedaçava na rocha - fantasiava o barqueiro, desafiando as forças da natureza. Era ele!
>
> Pelas sombras temerosas
> Onde vai esta canoa.

O biógrafo ainda observa que existe, na poesia castro-alvina, "uma sensação permanente de brisa a gemer" ou "viração gemente", "em que adejam os alí

sios tão frescos no *tabuleiro* de Cabaceiras como na orla do recôncavo" (Calmon, *ibid*). Enfim, especialmente a brisa, a serra do Aporá, a cachoeira do Roncador e o Paraguaçu estão bem presentes, direta ou metaforicamente, na obra castro-alvesiana.

Da extensa obra, em três volumes, H. Lopes Rodrigues Ferreira, (s.d., 1º vol., p.18), convém ser lembrado o seguinte trecho evocativo:

> "Cabaceiras"foi o colo musical de Leopoldina, "a parda moça costureira", escrava de Silva Castro, mãe-preta da fazenda. Sobre o chitão doirado da saia dela, o menino começou a conversar com a lua, com as aparições, com os fantasmas, com os séquitos patéticos que moiam a imaginação romanesca da senzala, aos ouvidos do senhor-moço, para fazê-la ressuscitar na Canção do Africano, Mater Dolorosa, Tragédia no Lar, A Mãe do Cativo, O Navio Negreiro, Desespero, Os Escravos, História de um Crime, Último Abraço.

Vale a pena ressaltar a presença do interior sertanejo tão constante na poesia lírica de Castro Alves. Cabaceiras, embora situada no Recôncavo, tem clima, vegetação e terreno típicos do Sertão.D. Martins de Oliveira, nas suas *Dimensões de Castro Alves (1972, p. 135)*, publicado em comemoração ao ano do centenário da morte do Poeta, fala da *Descoberta do Sertão*:

> Castro Alves incorporou toda a paisagem do seu sertão à poética e foi graças a essa fruição direta que surgiu uma nova poemática brasileira, veraz e nativa, com os seus rios, suas árvores, seus pássaros, suas lendas, tudo fresquinho como água do Paraguaçu... "A Tarde" é um poema bebido diretamente nas luzes crepusculares da terra pátria...

Hora meiga da tarde! Como és bela
Quando surges do azul da zona ardente!

Dentro da mesma perspectiva, Godofredo Filho, ao comentar *O Navio Negreiro*, ilustrado pelo gravador Hansen-Bahia - *Caminho de Lágrimas, um drama em gravuras (1959)*, destaca também a presença da força telúrica dos sertões:

> ... embora ele vivesse morrendo e realmente desaparecesse aos vinte e quatro anos, o "pálido" em sua obra é sobrepujado pelo vermelho dos crepúsculos sertanejos e nem a lua dos românticos conseguiu deslocar o prestígio da fulguração solar em que o poeta se consumiria:
> "Às vezes, quando o sol nas matas virgens
> A fogueira das tardes acendia..."
> Ou na pintura de outro incêndio vesperal:
> "E à tarde, quando o sol-condor sangrento -,
> No ocidente se aninha sonolento,
> Como a abelha na flor..."

Outros estudiosos também ilustres, não se descuram em registrar a influência de lugares, casas e monumentos, como fontes de inspiração na poética de Castro Alves. Um belo exemplo é o ensaio de Cláudio Veiga, *Castro Alves - Guia da Catedral (1965)*.

O centenário de nascimento e as origens do Parque, em 1947

Durante as festividades que assinalaram o transcurso do centenário de nascimento de Castro Alves, em 1947, a Academia de Letras da Bahia se fez presente à terra natal do vate, plantando lá um marco comemorativo. Encerrando o ciclo de homenagens ao

romântico Poeta, a Acadêmica Edith Mendes da Gama e Abreu (1949) ali proferiu memorável oração evocativa, a 18 de maio de 1949, da qual vale destacar o trecho que se segue:

> A Academia de Letras da Bahia, à vanguarda de tua consagração centenária, entendeu de rematar neste ponto a *via sacra* porque foi imprimindo nas amuradas dos solares em que viveste, na Cidade do Salvador, lápides memorativas para os teus pôsos d'águia... Pois, em teu ninho, Castro Alves, vie mos fechar um ciclo de comemorações. Pudéssemos nele erguer-te um monumento singular, o mais sombranceiro e artístico de quantos se têm erguido, o mais honroso e glorificante que a um homem se houvesse votado, e tê-lo-ias assim digno de ti! Mas será uma pedra tosca, ao menos por enquanto - que assinalará o teu berço.

Além da oradora, compuseram a comissão o Presidente da Academia, Pinto de Carvalho, os acadêmicos Hélio Simões e cônego Manuel Barbosa e,como convidado especial, o coronel José Lôbo, comandante do Batalhão de Caçadores. O presidente agradeceu a colaboração da municipalidade de Muritiba e ao Dr. Francisco Moniz Barreto de Aragão, Senhor do Engenho Vitória do Paraguaçu e doador do granito onde se colocou a placa.

A Revista da Academia de Letras da Bahia, na edição comemorativa do evento (1949, volume 10, p. 362), lançou a idéia precursora da construção do Parque quando fez apelos à Secretaria da Educação e à Prefeitura de Muritiba para que fosse *reservada a área necessária para uma praça no arraial de Cabaceiras*:

> O Governo do Estado poderia comemo

> rar ainda o centenário do maior poeta baiano, mandando construir naquele arraial um prédio escolar que lembrasse a velha casa da histórica fazenda e fosse localizado no centro da futura praça.
>
> Outro apelo justo será igualmente dirigido à Prefeitura de Muritiba no sentido de providenciar para que seja, desde logo, reservada a área necessária para uma praça no arraial de Cabaceiras, cujo centro seja assinalado pelo marco inaugurado.

A sugestão da Academia foi aceita pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura que, pouco tempo depois, fez erguer, no local da primitiva casa em que Cecéo abrira os olhos para o mundo, uma escola tipo rural, com duas salas separadas por alpendre. A escola foi construída na gestão do Secretário Anísio Teixeira, sendo Hildérico Pinheiro de Oliveira o engenheiro encarregado das obras. Mais tarde, ou seja em 1970 e 1971, já no início das comemorações do centenário da morte do Poeta, a mesma Secretaria e o mesmo engenheiro levantaram o prédio escolar com as características da sede da histórica fazenda.

O centenário da morte e a criação do Parque, em 1971

As festividades do centenário de nascimento do autor de *O Navio Negreiro* plantaram em Cabaceiras as sementes - o marco e a escola -que fariam brotar o Parque do Poeta, vinte e quatro anos depois, nos festejos do outro centenário - o da morte (Brasil, Ministério da Educação, *Cultura*, 1971). Neste último, a ordem das solenidades se inverteu. Iniciadas em Cabaceiras, com a inauguração do Parque, as come

morações chegaram à Cidade do Salvador a 6 de julho do mesmo ano. Era o encontro dos extremos - da vida e da morte...

Com bastante antecedência, o Governador Luiz Viana Filho, ainda em 1969, criou a comissão para comemorar o "Ano de Castro Alves", dela fazendo parte, dentre outros, o Prefeito de Muritiba. Esta atitude do Governador da Bahia ensejou as condições favoráveis à plena aceitação da idéia de Pedro Calmon, de criação do Parque de Castro Alves, conforme veremos mais adiante.

O movimento nacional dos parques históricos

No artigo intitulado *A volta de Castro Alves* (*A Tarde*, 19 de junho de 1970), o renomado historiador refere-se ao pronunciamento do Presidente Emílio Garrastazu Médici, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, anunciando o propósito do Governo Federal em levar avante o programa de Parques Históricos:

> Haverá o Parque Histórico de Caxias na Baixada Fluminense...Também não faltará - o que especialmente lisonjeia o nosso orgulho perdoável de conterrâneos - o do Poeta dos Escravos, aquele rapaz eloqüente de Muritiba - discípulo de Gonçalves Dias, mestre de Bilac - que deslocou montanha abaixo, a golpes de asas, asas de Ariel, a pedra do cativeiro. Esse inexaurível Castro Alves - em que, durante um longo século, se revê a Bahia.

No discurso do Presidente (*circa*, 1969), além da menção ao Poeta baiano, insta salientar, pela sua oportunidade e alto significado, a parte em que estimulou a criação do Parque:

> Como amostragem dessa atitude (do fortalecimento do caráter nacional pela história), estamos empenhados em sensibilizar o povo para o trato do fato e do vulto históricos e, no rumo desse incentivo, participamos, há bem pouco, da memorável inauguração do Parque Osório, com a transformação, da velha morada da grande lança do nosso povo no Império, em local de romaria popular, para a reminiscência, a recreação, o encontro cultural e até mesmo o turismo. Novos parques históricos virão em outras latitudes; bem cedo o dos Guararapes; depois, talvez, quem sabe, Caxias, Bilac, Sampaio e Castro Alves.

Esta passagem está reproduzida em placa de bronze, colocada no marco comemorativo da criação. Vale acrescentar que os parques históricos, em todo o mundo, estão sempre ornados de marcos, obeliscos, monumentos e reproduções de cenas de batalhas, como sói acontecer em Waterloo, Gettysburg e Yorktown, este último na Virgínia.

Cabaceiras, os parques naturais e históricos

Tudo leva a crer que a criação de parques começou pelos naturais, "para benefício e gozo do povo", partindo, a posteriori, para as áreas de interesse histórico e cultural. O primeiro a ser construído em grandes dimensões foi o Parque Nacional de Yellowstone, Estado de Wyoming, nos Estados Unidos da América do Norte; mede 8.873 km², atingindo, em 1872, terras de Montana e Idaho. Enquanto isso, o primeiro parque nacional criado no Brasil foi o de Itatiaia, em 1937, com 12.000 ha. Até 1975, existiam em nosso país, pelo menos, dezessete parques nacionais, figurando dentre eles o da Serra dos Órgãos, Sete Cidades, Sete Quedas e Monte Pascoal, este último

na Bahia (*Mirador*, 1975, volume 16, pp. 8623-8625). E Cabaceiras foi o primeiro parque instituído pelo governo baiano, em 1971. O parque nacional é definido como:

> A parte da área de um país, destinada à preservação e proteção das belezas naturais, flora e fauna de maior significado; elementos de valor estético, geológico, pré-histórico, histórico, arqueológico ou científico, que passam à proteção estatal (Mirador, 1975, vol. 16, p. 8623).

Na evolução da criação dos parques naturais aos culturais, a experiência norte-americana de proteção a sítios especiais data de fins do século passado. À lei sobre antiguidades, assinada em 1906, se juntaram outros atos do Congresso, permitindo a formação de um sistema nacional de parques que hoje abrange mais de trezentas áreas de interesse paisagístico, histórico, recreativo e cultural. O sistema em apreço se divide não somente em parques, como monumentos, sítios históricos, memoriais, parques militares, parques de campos de batalha, áreas de recreação, bordas de lago, litorais, rodovias, parques, caminhos cênicos, rios cênicos, caminhos fluviais e outros.

A classificação dos parques nacionais nos Estados Unidos da América do Norte, feita pela *New Columbia Enciclopedia* (1975, pp.1886-1894), é acrescida, ainda, de parques e reservas científicas e do parque da capital do país, onde está edificada a Casa Branca. Registro especial merece o Roosevelt-Campobello, por se tratar do primeiro parque internacional. Localizado na ilha de Campobello, onde se ergue a casa de verão de Franklin Delano Roosevelt, é ad

ministrado conjuntamente pelos governos norte-americano e canadense.

A finalidade educacional da preservação dos parques

A enumeração de sítios, parques, campos, cemitérios, margens de lagos, litorais, rios, cenários *et alli* serve para demonstrar a variedade de locais a serem preservados para a recreação, o turismo, o lazer, a educação, o esporte e o civismo. Ao lado do repouso propiciado pelo contato com a natureza, o valor educativo de uma visita ao Parque Nacional do Monte Pascoal, por exemplo, serve como ligação entre um episódio do passado e as circunstâncias reais da existência momentânea. A inferência de ordem educacional dessa pedagogia do real - já o dissemos em outra oportunidade - é a de que ao se educar, dando prioridade à cultura, atingem-se faixas maiores e bem mais expressivas da população (Boaventura, 1978, p. 76).

Natureza e cultura se misturaram no Parque Castro Alves. Não tenho dúvidas em afirmar que, no momento em que levávamos avante o seu projeto, estávamos valorizando o cenário natural do rincão onde Castro Alves nasceu e cresceu, o que, por sua vez, enseja a melhor compreender a presença de certos elementos físicos e sociais na poesia do grande bardo da Bahia.

SEGUNDA PARTE - CABACEIRAS RECRIADA EM PARQUE HISTÓRICO

Se na primeira parte deste trabalho procurou-se estabelecer algum relacionamento entre o local de nascimento, a vida e a obra do Poeta, convertendo-se a antiga fazenda de Cabaceiras em Parque, esta segunda parte pretende mostrar como a sugestão de Pedro Calmon se transformou em decisão governamental, concretizada em construção. Edificado há já algum tempo,o Parque, agora, necessita de reformas para atingir as suas funções de sítio privilegiado, a serviço não só da cultura como do lazer, recreação e, principalmente, da educação.

A sugestão de Pedro Calmon

Pedro Calmon, como vimos, lançou a sugestão para a construção do Parque Castro Alves, em Cabaceiras do Paraguaçu. Empolgado com a idéia do arranjo espacial do sítio natal do poeta, vinculou a edificação do Parque ao centenário de morte, que se daria um ano depois, em 6 de julho de 1971. Passou do verbo à ação e se articulou com o Governador Luiz Viana e com a comunidade de Muritiba.

A Pedro Calmon coube o mérito de apresentar uma sugestão exeqüível e de traçar, ele próprio, o esboço arquitetônico do futuro Parque de Cabaceiras. Pude observar, então, a sua extraordinária capacidade prática de ação, de passar do plano abstrato das idéias para o esquema concreto das realizações objetivas. Eis um aspecto da sua poliédrica personalidade que eu desconhecia. O homem erudito, com uma excelente *scholarship*, se concertava harmonicamente com o implementador de decisões, a confirmar a observação de Kurt Lewin - *nada é mais prático do que uma boa teoria!* E é. De Castro Alves ele tem todo o co

nhecimento teórico, afetivo, discursivo. É o biógrafo, enfim.

Reunimo-nos para tratar dos detalhes da preservação do sítio histórico. Pedro Calmon,com vibração e encantamento, falava e explicava, elucidava e ensinava, num seminário a dois,sobre a vida de Castro Alves, na circunstância sertaneja, bem às margens do misterioso e poderoso Paraguaçu.O significado da modesta fonte, a cachoeira do Roncador, transformada e ampliada para ser cantada como *A Cachoeira de Paulo Afonso*.Estas e outras evidências relacionavam se com a produção poética castro-alvesiana. Assim, da geografia passava à biografia e desta à obra. Périplo completo! E ia cada vez mais longe para as necessárias aproximações do concreto.Com papel e lápis demonstrou a viabilidade do projeto. Elaboração intelectiva, verbalização e psicomotricidade se coordenavam magnificamente! A vida e a obra de Castro Alves têm sido uma das suas fascinantes ocupações intelectuais. Desde muito tempo que as estuda,publica a biografia, conta os seus amores e narra as suas missões -*A vida e amores de Castro Alves (1935); A vida de Castro Alves (1947)* e *Castro Alves,o Homem e a Obra (1973)*. Este último, publicado pela José Olympio Editora,é a síntese dos trabalhos anteriores. Era natural que, como conhecedor da vida e obra de Cecéo e militante interessado em tudo que lhe diga respeito, por um lado,e tendo a informação direta do programa de Parques Históricos, por outro, houvesse sugerido a construção do Parque, no exato momento em que o governo baiano iniciava as comemorações do centenário de morte do Poeta.

Pedro Calmon passou a liderar, com o peso do

seu prestígio, a edificação do Parque. Carteou-se com a boa gente de Muritiba, visitou Cabaceiras, entrou em entendimentos com a direção do Patrimônio Histórico Nacional, e buscou o assessoramento das experiências existentes nos Parques Osório e Caxias, e tentou recursos junto ao Conselho Federal de Educação e informou tudo ao Governador Luiz Viana Filho. Em suma, procurou de todas as maneiras operacionalizar a sua idéia. E a efetivou.

O Parque foi projetado não somente segundo a sua sugestão e desenho, mas, viabilizado conforme a sua demonstração, evidente e convincente, de que seria possível edificá-lo em pouco tempo e a reduzido custo. Comprovado o adágio - *um bom projeto encontra sempre um financiador.*

A vivacidade de Pedro Calmon contagiava governos e pessoas. O brilho, a erudição, "o conhecimento da experiência feito" se transmudavam em projeto e ação. Inversamente, era a biografia recriando a geografia, a vida refazendo o berço, o tempo delimitando o espaço, a festa centenária da morte glorificando a vida e a obra (Boaventura, in: *80 anos de Pedro Calmon, 1982-83.*

A decisão do Governador Luiz Viana Filho

A Luiz Viana Filho, político e homem de letras, deve-se a realização do Parque, pela aceitação inconteste da indicação de Pedro Calmon e pela decisão de edificá-lo ainda em seu governo. A prova disso foi o Decreto nº 22.034, de 24 de setembro de 1970, que ampliou a comissão dos festejos do centenário, dando-lhe, ainda, outras atribuições, bem assim o Decreto nº 22.268, de 11 de fevereiro de

1971, que criou o Parque (Bahia, 1971).

Aliás, o Parque de Cabaceiras, ao lado da Biblioteca Central, em Salvador, do Museu de Arte da Bahia, do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, da Casa Afrânio Peixoto, em Lençóis, do apoio à Coleção Costa Pinto e de outras iniciativas de caráter cultural, constituiu ponto alto da gestão Luiz Viana Filho na área da cultura.

Dando cumprimento ao que foi determinado pelo Governo, a Secretaria de Estado da Educação e Cultura elaborou o projeto,providenciou a desapropriação do terreno e encetou a execução das obras. Fascinado com a concretização do projeto, Luiz Viana Filho comunicou ao autor deste relato, na época o seu titular da Educação e Cultura, o desejo de ver inaugurado o Parque de Cabaceiras, no início de 1971, como parte das comemorações centenárias,antes, portanto, de deixar o governo,a 15 de março. E assim foi feito.

A sugestão de Pedro Calmon e a deliberação de Luiz Viana Filho,tomada por volta de julho de 1970, coincidiam com oportunidade muito feliz que veio ao meu encontro. Estava retornando de uma viagem oficial aos Estados Unidos, onde me foi oferecida a oportunidade de visitar o Parque e o Cemitério Nacional de Gettysburg. A maneira como o sítio histórico foi racionalmente organizado, mais precisamente *o amênagement du territoire*, a disposição dos monumentos e, sobretudo, a conservação do cenário da *Civil War* me induziram a preservar o meio rústico e sertanejo do Tabuleiro de Pindoba.

Enquanto tudo isso ocorria na esfera governamental, quase simultaneamente, em Muritiba, ganhava

vulto a indicação de Pedro Calmon.

Apoio da comunidade de Muritiba

Em carta datada de 2 de julho de 1970, José Copello e Manuel Borges dos Santos, em nome do Lions Club e da Prefeitura de Muritiba, respectivamente, formularam apelo a Pedro Calmon para que avivasse mais e mais a campanha prô-construção do Parque de Cabaceiras. Lembraram, também, a aquisição da área pelo governo, bem como o aproveitamento do material que ainda restava da fonte. Bem expressivo é o seguinte trecho da lavra de Pedro Calmon, em carta datada de 12 de julho de 1970 e endereçada aos líderes de Muritiba:

> É belo imaginar a nação a recordá-lo naquele meio rústico, mandando reservar o terreno para que *ad aeternitatem* ali possam as gerações contemplar o mesmo quadro de inspiração e beleza - por ele transportado para o verso lírico. Exatamente ali palpitou nas primeiras vibrações da emoção poética o Vate: crisálida que se faria borboleta, pirilampo com pretensões de estrela, ou, se quiserem, regato que foi cachoeira: cachoeira de Paulo Afonso.

As figuras mais expressivas da cidade de Muritiba continuaram, sem esmorecimento,a envidar esforços junto às autoridades competentes,no afã de ver materializado o almejado parque. Conseguiram,assim, a melhoria, pela Prefeitura, da estrada de acesso à vila de Cabaceiras, levaram Pedro Calmon até lá, a 7 de novembro de 1970,e acompanharam com entusiasmo a execução dos trabalhos. Digna de registro foi a ação desenvolvida pelo Prefeito Baldoino Dias Gonçalves, por José Copello e Lions Club, pelo pároco

de Muritiba e pelo professor Edvaldo Pereira Brito, então Assessor-Chefe da Secretaria de Estado da Educação e Cultura.

Situação do Parque

O Parque, localizado nas antigas terras da fazenda dos pais do Poeta no município de Muritiba, distrito de Cabaceiras do Paraguaçu, dista, exatamente, 18 quilômetros da estrada federal BR-101, na altura da cidade de Governador Mangabeira, e 10 quilômetros da Bahia-Rio, partindo da sede do município de Santo Estêvão, ficando a 2 quilômetros do rio Paraguaçu. A vila de Cabaceiras do Paraguaçu tem localização privilegiada, inserida entre as duas estradas federais que ligam o Estado da Bahia ao Sudeste (Boaventura, *Cultura*, 1983).

O terreno do Parque pertencia a Martin Florêncio dos Santos, desapropriado pelo Decreto nº 22.192, de 16 de dezembro de 1970, que o considerou de utilidade pública; teve sua escritura lavrada no cartório do tabelião Franklin Lins d'Albuquerque Junior, a 12 de março do ano seguinte. Em Cabaceiras foram encontrados, apenas, uma escola rural com duas salas, no local onde se situou a antiga sede da fazenda, uma nascente, que serve de fonte de abastecimento de água à população da vila, o marco histórico lá colocado em 1947, pela Academia de Letras da Bahia, e algumas árvores.

Implementando a decisão

O mês de novembro de 1970 foi bem propício à continuação do projeto do Parque. A inauguração da Biblioteca Central, no Dia da Cultura, bem como a

abertura do Museu de Arte da Bahia,na Casa Góes Calmon, atraíram muitos estudiosos e acadêmicos à capital baiana. Pedro Calmon retornara de Muritiba altamente informado do que existia em Cabaceiras. Os subsídios por ele colhidos foram de valia inestimável, inclusive os referentes a detalhes da entrada, pórtico, casa, fonte, muro, cerca e espaço. Enfim, o imprescindível para a moldura paisagística. De tudo tinha conhecimento, dirimindo dúvidas e mostrando a exeqüibilidade do projeto. Reunimo-nos no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e passamos todos os detalhes para o papel. Agora, era tocar a obra para a frente! A comissão, incumbida dos festejos do centenário de morte do Poeta, visitou Cabaceiras a 20 de novembro de 1970, fazendo-se acompanhar de técnicos da Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Seguiu-se uma reunião na Escola Castro Alves, em Muritiba, que contribuiu para acelerar a marcha dos trabalhos.

Projeto

Com o esboço anteriormente traçado, os setores técnicos da Secretaria de Estado da Educação e Cultura iniciaram os trabalhos de levantamento do terreno, de projeção da casa e arranjo espacial do Parque, bem como do recheio para exposição permanente, havendo,da parte de todos, o espírito de colaboração e celeridade, visando à conclusão da tarefa antes de 15 de março de 1971, quando se findaria o mandato do Governador Luiz Viana Filho. A responsabilidade do levantamento topográfico, o projeto arquitetônico e o arranjo físico ficaram a cargo do engenheiro Hildérico Pinheiro de Oliveira, o mesmo que, na década de quarenta, ali construíra a escola

rural. O levantamento permitiu a avaliação do terreno, conforme laudo do engenheiro João Batista Marinho e arquitetos Antonio Pires da Cruz Silva e Raul Rodrigues Cajado, arbitrando em doze mil cruzeiros os 51.388,50 m^2 desapropriados.

Tomando como base a foto da primitiva casa da fazenda existente no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, o arquiteto Juan Antoniolli projetou a nova moradia, peça central do Parque, destinada à escola e à exposição permanente.O projeto procurou, tanto quanto possível, aproximar-se da extinta sede da fazenda e foi executado por pedreiros do interior, sob a orientação de Pedro Ribeiro Pessoa, dedicado servidor da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, a fim de guardar o mesmo nível tecnológico de construção da casa demolida. Em tudo se procurou fugir a qualquer tipo de ostentação e artificialismo que viesse a se chocar com a paisagem rústica. Decidiu-se que apenas a parte da frente seria murada; os lados deveriam ser cercados com estacas de baraúna, como se usa nas cercas do meio rural. Enquanto isso, a organização do espaço veio confirmar o traçado espontâneo das trilhas já existentes. A nascente, depois de restaurada, conservou as linhas da construção de 1953, passando a servir melhor à população da vila. Segundo Lauro Passos, então Prefeito de Cruz das Almas, é o único olho-d'água existente nas redondezas. O projeto contemplou, também, a edificação de uma cobertura, para responder às necessidades de descanso dos visitantes. Ao avarandado do lado direito foi dado o nome de "Pouso Adelaide", numa homenagem à irmã predileta do Poeta, Adelaide de Castro Alves Guimarães. Por fim, o projeto

compôs outros aspectos, como o marco de criação do Parque, "A cruz na estrada"e o Pavilhão de Mastros. Em síntese, projetou-se, em pleno sertão baiano, um parque que objetivou preservar a área da casa-berço do nosso Poeta maior, visando, ainda,à educação, pelo aumento das instalações da escola já existente, e ao desenvolvimento cultural, através de uma pequena biblioteca e uma exposição permanente, que se assemelhou a um museu.

Assim, pode-se definir o Parque Histórico Castro Alves como um conjunto de escola,exposição, terreno com nascente e árvores, pouso para visitantes, marco comemorativo do centenário de nascimento do Poeta e outros pequenos monumentos. O planejamento do recheio ficou a cargo do Departamento de Cultura da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, com Remy de Souza à frente, sob a orientação de Valentin Calderón de La Vara, Jacyra Oswald, ambos da Universidade Federal da Bahia, e de Renato Ferraz, Diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia. O projeto das instalações incluiu exposição com sala documentária sobre a vida e obra do autor de *Cachoeira de Paulo Afonso*, contendo mais de noventa fotos. O material fotográfico foi preparado por Ailton José de Oliveira Sampaio, abrangendo a reprodução de fotos da primitiva sede da fazenda, das casas onde morou Cecéo, dos seus familiares e dos seus biográfos, como Xavier Marques, Jorge Amado e Pedro Calmon. Atendendo à vocação pedagógica do Parque, a pequena biblioteca, destinada a servir à população estudantil, foi dotada de livros didáticos e volumes referentes ao Poeta. Alguns objetos de Castro Alves e de sua família, como uma pequena escrivani

nha e um jarro, até então conservados no antigo Museu do Estado, foram para lá transferidos,por ordem do Governador Luiz Viana Filho, incorporando-se ao acervo da exposição.

Administração e Manutenção

Como a principal e mais importante atividade da área era a educacional, convencionou-se que a diretora da escola seria também a administradora do Parque. Convênio foi celebrado, neste sentido, entre a Secretaria de Estado da Educação e Cultura e a Prefeitura Municipal de Muritiba para a manutenção da obra. A Secretaria se comprometeu a designar duas professoras primárias, ficando uma delas responsável pela direção, supervisão e a técnica museológica. A professora Carmen Cynira Soares foi nomeada a primeira diretora e lá continua até hoje. A Prefeitura se encarregou da nomeação das outras professoras, bem como da conservação do sítio histórico, alocando o pessoal necessário ao serviço de asseio. Além da colaboração e ajuda de Remy de Souza, Vivaldo da Costa Lima, que começava a implementar os serviços de restauração e tombamento do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado, deu toda a assessoria e aconselhamento.

Na época da inauguração, era pensamento corrente estimular a organização de uma Sociedade dos Amigos do Parque, o que terminou por se concretizar,algum tempo depois, graças à iniciativa de José Copello. Importante era que Muritiba sentisse o Parque como uma coisa sua e o conservasse.A iniciativa foi abraçada com entusiasmo pelos elementos mais representativos da cidade, como Prefeito,Vereadores, Pá

roco, Lions Club, professores, profissionais liberais, pessoas gradas e povo em geral. Em suma, a comunidade da vila de Cabaceiras e a cidade de Muritiba assumiram o Parque como patrimônio seu.

Inauguração e funcionamento

O governador Luiz Viana Filho, acompanhado de Pedro Calmon, do novo Prefeito de Muritiba, Humberto Oliveira Silva, do construtor, Pedro Ribeiro Pessoa, dos membros do Lions Club de Muritiba, com José Copello à frente, dos líderes e autoridades locais, do Secretário de Estado da Educação e Cultura, inaugurou o Parque na manhã de 8 de março de 1971. E já no dia 14 de março, natalício de Castro Alves, a HISTARTE, levada por Maria Edília Almeida,iniciou a tradição da romaria cívica ao Parque, evento que, desde então, vem-se repetindo todos os anos. O Parque, que tem sido muito visitado,com as reformas administrativas, passou a integrar a Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Louvável, sobre todos os pontos de vista, foi a oportuninade única que se ofereceu ao Governo Luiz Viana Filho de recompor,com a implantação do Parque de Cabaceiras, o patrimônio sentimental e cultural do sítio onde nasceu Castro Alves. Foi a homenagem de toda a Bahia ao Poeta da Liberdade.

Reforma do Parque

Voltando à Secretaria de Estado da Educação e Cultura, em 1983, integrando o Governo João Durval Carneiro, pensei na remodelação do Parque. Construído faz mais de dez anos, necessita de reformas.Acompanhado do pessoal da Secretaria, inclusive dos Di

retores do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC, Benito Sarno, e do Serviço de Construção e Reparos - CONESC, Nivaldo Temi Rocha da Silva, lá estivemos na 13ª romaria cívica, no dia 14 de março de 1984. O IPAC chamou a si a redefinição do sítio, optando pela construção de mais salas de aula, para as crianças do distrito de Cabaceiras. IPAC e CONESC se combinaram para colocar o Parque dentro das exigências do paisagismo e da criação de áreas de lazer e recreio (Ministério da Educação e Cultura, 1983).

Precisando Cabaceiras de melhor acesso à Rodovia BR-101, o Presidente do Consórcio Rodoviário Intermunicipal, Jonival Lucas da Silva, asfaltará a pequena via rural, interligando o Parque aos distritos vizinhos de Geolândia, Quixabeiras e São José do Itaporã. As obras já foram licitadas. Com as reformas atualmente em curso e vias de comunicação em bom estado, o Parque terá melhores condições de funcionamento e acesso.

CONCLUSÃO - CABACEIRAS E OUTROS PARQUES

O Parque de Castro Alves, um serviço à cultura e a preservação da natureza

Cabaceiras foi uma iniciativa pioneira, como primeiro parque criado pelo governo baiano, que vem prestando um serviço à cultura, seja pelo fluxo contínuo de visitantes, seja pelas concentrações cívicas ou pela atração que o local exerce sobre os admiradores do nosso Poeta maior. Todos os anos, o Gremio Castro Alves do Rio Grande do Sul vem, impre

terivelmente, em 14 de março, prestar justas homenagens, aumentando a romaria cívica e religiosa instituída pela HISTARTE.

Mas Cabaceiras é também um serviço à preservação da natureza pela conservação do sítio natal de Cecéo. Outros espaços estão sendo definidos, como o Parque Estadual do Recôncavo Baiano, o Parque Nacional do Descobrimento, feliz iniciativa do Reitor Soane Nazaré Andrade (Kruschewsky, 1983), e o Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Vem bem a propósito, dentro dessa perspectiva de valorização da natureza, ressaltar o trabalho em prol da criação do Parque da Chapada Diamantina, para proteção do patrimônio natural de uma área das mais privilegiadas pela flora, mormente ao considerar-se a rica variedade das bromélias e orquídeas - a fauna e a constituição do terreno. No particular, o trabalho pioneiro de Ruy Funch (1982), sugerindo a criação do Parque, encontrou a melhor aceitação, não apenas no Seminário sobre Preservação do Patrimônio Nacional da Chapada Diamantina (Funch, 1983) como também junto às autoridades do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF.

A conservação da natureza só se fará com Parques. Esta é a experiência internacional. São exemplos, na Bahia, o do Monte Pascoal e o de Abrolhos (*A Tarde*, 1983). Esta é uma função não apenas da minha Secretaria de Estado, mas também de outras, como Agricultura e Planejamento, conforme as diretrizes do Governador João Durval Carneiro.

Cabaceiras é uma inspiração para *a mise en valeur* de outros lugares, sítios e plagas. É preciso preservar os campos das lutas de Antônio Conselhei

ro, na região do semi-árido baiano. Neste sentido, o Prefeito de Euclides da Cunha, Renato Campos, está projetando o Memorial de Canudos, com o apoio da Secretaria de Estado da Educação e Cultura.

O Humanismo de Castro Alves

Finalizando, sendo Castro Alves um dos poetas brasileiros de maior popularidade, muitos se iniciaram na leitura dos seus versos, no idealismo de sua mensagem eterna de amor e de liberdade (Amado, 1969), na comunicação social de sua obra (Passos, 1971). Escolas, como ruas e avenidas levam o seu nome. Ele ensina pela poética e suavemente conduz à leitura, à instrução, à educação e à cultura. Este é o sentido pedagógico de sua obra! Esta é a função do seu Parque!

Por isso mesmo, no pavilhão das bandeiras, ao lado da casa, tremulam altaneiras a do Brasil, a da Bahia, a de Pernambuco, a de São Paulo, a de Muritiba e a da Academia de Letras da Bahia, perenizando sua mensagem social e cívica:

> Auriverde pendão de minha terra
> Que a brisa do Brasil beija e balança
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da esperança...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*. São Paulo, Martins, 1969.

BAHIA. Decreto nº 32.268 de 11 de fevereiro de 1971, cria o Parque Histórico Castro Alves. *Diário Oficial*. Salvador, 12 de fevereiro de 1971.

BOAVENTURA, Edivaldo M. *Espírito de julgamento, ensaios em prol da cultura*. Salvador, Gráfica Universitária, 1978.

_____ O Parque de Castro Alves. *Diário Oficial*, suplemento dedicado a Castro Alves. Salvador, 13-14 de março de 1982, pp. 20-22.

_____ Parque Histórico Castro Alves. In: *Cultura*. Rio de Janeiro, 11 (40): 45-49, abr/jun, 1983.

_____ O sempre jovem Pedro Calmon. In: *80 anos de Pedro Calmon 1982*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1983, pp. 19-20.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura, Biblioteca Nacional. *Castro Alves, catálogo de exposição*. Rio de Janeiro, 1971.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura, Subsecretaria do Esporte para Todos. Universidade Federal de Santa Maria - Centro de Educação Física e Desportos. *Parque de Lazer e de Esporte para Todos*. Brasília, 1983.

CALMON, Pedro. *Vida e amores de Castro Alves*. Rio de Janeiro, A Noite Editora, 1935.

_____ *A vida de Castro Alves*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

_____ A volta de Castro Alves. *A Tarde*. Salvador, 19 de junho de 1970.

_____ *Carta de 12 de julho de 1970* a Manoel Borges dos Santos e José Copello.

_____ *Castro Alves: O Homem e a Obra*. Rio de Janeiro, José Olympio; Brasília, INL, 1973.

CASTRO ALVES. *A cachoeira de Paulo Affonso*. Poema. Salvador. Bureau Gráfica Editora, 1976.

_____ *Navio Negreiro*. Livraria Progresso Editora, 1959. Com textos de Pinto de Aguiar, Godofredo Filho, Edson Carneiro, David Barnhart, traduções de Van der Haegen e do Conde Huberto Schoenfeldt e ilustrações de Hansen (Bahia), intituladas Caminho de Lágrimas, um drama em gravuras.

_____ *Obra Completa*. São Paulo, Cia. José Aguilar Editora, 1966, p. 59. Organização, estudo crítico, fixação do texto, cronologia e notas limitares por Eugênio Gomes.

COPELLO, José e SANTOS, Manoel Borges dos. *Carta de 2 de julho de 1970* a Pedro Calmon.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNATIONAL. Parque Nacional São Paulo, Encyclopédia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 16, pp.8623-8625.

FERREIRA, H. Lopes Rodrigues. *Castro Alves*. (Rio de Janeiro), Pongetti (s.d.) 1º volume.

FUNCH, Ruy. *Chapada Diamantina: uma Reserva Natural*. Salvador, Bureau Gráfica e Editora Ltda. 1982.

GAMA E ABREU, Edith Mendes da. Discurso proferido em nome da Academia pela inauguração do Marco de "Cabaceiras". *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, 10: 285-287, 1949. Número especial destinado às comemorações do Centenário de Castro Alves.

HILL, Telenia. *Castro Alves e o poema lírico*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília:INL,1979.

KRUSCHEWSKY, Gabino. Parque Nacional do Descobrimento. *A Tarde*. Salvador, 16 out. 1983.

MATTOS, Waldemar. *A Bahia de Castro Alves*. 2 ed. S. Paulo, Inst. Progresso Editorial S.A., 1948, pp. 56-57.

MEDICI, Emilio Garrastazu. *Discursos* no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (mimeografado, s.d. e s.l.).

NEW COLUMBIA ENCYCLOPEDIA. 3 ed. National parks and monuments. New York, Columbia University Press, 1975, pp. 1885-1894.

OLIVEIRA, D. Martins de. *Dimensões de Castro Alves*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1972.

O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA. Simpósio sobre preservação do Patrimônio Natural da Chapada Diamantina. Lençóis, 16, 17 e 18 de novembro de 1983.

PARQUE MARINHO PROTEGERÁ A ECOLOGIA DE ABROLHOS. *A Tarde*. Salvador, 24 abril 1983, Turismo e Automobilismo, p. 3.

PASSOS, Alexandre. *O humanismo de Castro Alves*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1971.

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Relembrando o ninho do nosso maior poeta. Salvador, 10: 361-362, 1949. Número especial.

VEIGA, Cláudio. *Castro Alves Guia da Catedral*. Salvador, Liv. Universitária, 1965.

Impresso na
Gráfica Universitária
Salvador - Bahia

APOIO CULTURAL

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

GOVERNO JOÃO DURVAL CARNEIRO